

O reinvento da linguagem científica na era digital hipermediática

Jairo Azevedo Junior¹, Mira Célia Benvenuto²

Para quem escrevemos? Por que escrevemos? Estas são duas perguntas que não devem ser menosprezadas pelos pesquisadores. A primeira remete ao público para o qual produzimos e disponibilizamos conhecimento através da Ciência. A segunda trata-se de um questionamento mais complexo, permitindo respostas diversificadas, mas que tem a intenção de questionar o autor sobre os motivos do ato de escrever ao invés de divulgar sua pesquisa utilizando formas alternativas de comunicação.

Existe um distanciamento entre a linguagem técnica e culta (científica) versus a linguagem popular (cotidiana). Esse distanciamento impacta sobre a acessibilidade ao conhecimento produzido pela Ciência, tanto pela comunidade não acadêmica quanto pela comunidade acadêmica não familiarizada com os termos e palavras técnicas utilizadas nos artigos científicos. Em tempos nos quais as ações governamentais e institucionais relacionadas à saúde são fundamentadas nas “Políticas Baseadas em Evidências”, os tomadores de decisões também relatam dificuldades na compreensão do conteúdo técnico e científico que norteiam os procedimentos decisórios, evidenciando o distanciamento entre estes profissionais e os pesquisadores.

Algumas características da linguagem técnica, científica ou acadêmica devem sempre ser respeitadas, como a objetividade, impessoalidade, clareza, coesão, concisão e respeito às normas da língua de escrita. Apesar do grande número de normas, a linguagem científica não precisa ser complicada e de difícil leitura pelo público leigo no assunto. Não se propõe aqui promover mudanças ou questionar a importância das características da linguagem científica. O que se propõe é refletir sobre novas formas de comunicação em artigos científicos, capaz de ampliar o acesso do conhecimento científico a diferentes públicos.

O novo desafio é produzir conhecimento com texto, associado a imagens e sons. Expressar a Ciência numa linguagem híbrida e adaptada à contemporaneidade, na qual as redes sociais vêm contribuindo na difusão do conhecimento científico. Essas adaptações nas formas de comunicação científica vêm de encontro ao surgimento da altmetria, que são métricas não tradicionais e alternativas às criticadas métricas vigentes, como as estabelecidas por órgãos de fomento à pesquisa e baseadas em número de citações. Assim, alternativamente, a altmetria avalia a utilização de documentos científicos em meio às redes sociais e suas ferramentas que indicam a visibilidade, como os compartilhamentos, curtidas, comentários, downloads e acessos, por exemplo.

Alcançando um público cada vez mais diferenciado, é preciso adaptar a forma de transmitir à este público a mensagem científica, ou seja, é preciso adaptar a linguagem científica tornando-a mais atrativa e de fácil compreensão aos novos leitores. A exemplo dessa adaptação estão as imagens e gráficos utilizados nas comunicações científicas. As imagens e gráficos sempre foram utilizados na produção do conhecimento científico, sendo alternativas importantes para a apresentação e uma melhor compreensão da informação ali apresentada. Entretanto, um vídeo ou animação pode, em alguns casos, ser mais eficaz em expressar um conceito ou uma abordagem junto ao paciente do que uma imagem estática. Assim, na perspectiva de construir uma linguagem mais acessível ao público leigo, é necessário promover discussões acerca de adaptações que atendam a todos os públicos. E nesse contexto já não abordamos o público restrito ao leitor leigo e não leigo. Aqui já estendemos os benefícios da linguagem adaptada ao público portador de alguma especialidade visual, auditiva, sensorial, entre outras.

Dessa forma, considerando toda a tecnologia de informação atualmente disponibilizada à comunidade, parece não muito distante a possibilidade da utilização dos recursos hipermediáticos em documentos científicos publicados on-line. A hiperídia está relacionada à integração simultânea de conteúdos, formas, imagens e sons que agregam valor ao conteúdo e facilitam a compreensão e construção do conhecimento pelos diferentes perfis de leitores. O uso de recursos audiovisuais, como vídeos, imagens e gráficos animados, *GIFs* (do inglês *Graphics Interchange Format*) e sobreposição de mapas e imagens são recursos extremamente úteis e viáveis em todas as áreas de conhecimento, incluindo as áreas de Ciências Médicas e da Saúde, para a composição do artigo científico.

Para muitos pesquisadores essa renovação na linguagem científica não é novidade, e no mercado algumas empresas já oferecem esse tipo de serviço de construção hipermediática baseada em informação

¹ Editor responsável pela Revista Amazônia: Science & Health. Professor associado do Centro Universitário UnirG (Gurupi-TO). E-mail: revistaamazonia@unirg.edu.br

² Mestre em Ciência da Motricidade Humana. Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO. E-mail: miracb@hotmail.com

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Jairo Azevedo Junior. Centro Universitário UnirG. Av. Pará, 2432, Quadra 20, Lote 01, Eng. Waldir Lins II, CEP 77.423-250, Gurupi-TO,

científica. Entretanto, esse serviço ainda está concentrado para fins escolares educacionais sendo feito a partir da publicação escrita do artigo. A tendência é que esses novos recursos de linguagem já estejam imersos na prática investigativa como uma ponte entre o pesquisador e o leitor que tenha interesse pelo conhecimento publicado. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação científica que, aliada às políticas de acesso aberto às publicações científicas, retrata um processo de democratização da Ciência.

Até que essa tendência se torne realidade, será preciso repensar o modelo científico de construção metodológica do texto escrito e impresso, alinhando-o à nova era digital em que milhares de leitores, de diferentes perfis e níveis de formação, acessam conteúdos científicos na internet. Os pesquisadores deverão se preparar para este novo contexto de linguagem e recursos de comunicação científica. As plataformas e sistemas de gerenciamento e suporte à publicação on-line de artigos científicos deverão se adaptar aos novos formatos de conteúdos. Novos parâmetros de avaliação desses conteúdos deverão ser construídos que, por sua vez, poderá orientar os pesquisadores nas tomadas de decisões quanto a escolha da mais adequada forma de apresentação do conteúdo científico. Os leitores, destinatários finais do conteúdo científico, deverão saber utilizar dos recursos de linguagem e, com isso, terão mais oportunidades de significação e compreensão do conteúdo acessado, ativando também diferentes recursos de memória.

A reflexão aqui proposta transcende a proposta de inovação na linguagem científica, que se apresenta contemporaneamente inevitável, e se estende à proposta de democratização do conhecimento científico, que diminuirá o distanciamento entre pesquisadores e leitores e aumentará a acessibilidade desse conteúdo pelos diferentes perfis de leitores.

Essa terceira edição do ano de 2017 da Revista Amazônia: Science & Health publica trabalhos científicos inseridos nos campos da Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia e Psicologia. Esperamos, com essa publicação, contribuir com a disseminação do conhecimento científico de acesso livre e com linguagem acessível e esperamos, em um futuro próximo, oferecermos diferentes e renovados recursos de comunicação científica, com linguagem cada vez mais acessível e hipermidiática. Contamos com todos os pesquisadores da área da Saúde para que confiem na nossa revista como veículo de divulgação de vossas pesquisas e que estejam engajados favoravelmente às inovações no meio científico.

Agradecemos aos autores que confiam neste periódico, à colaboração de nossos revisores, à equipe da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário UnirG e à todos que, direta ou indiretamente, contribuem com esta publicação. Desejamos a todos uma boa leitura dos artigos científicos aqui disponibilizados.